

EDITORIAL

Novas leituras sobre as escrituras fronteiriças da nossa América

Katia Aparecida da Silva Oliveira
Universidade Federal de Alfenas - Brasil

Marcela Crespo Buiturón
Universidad del Salvador/CONICET- Argentina

Partir da ideia de continuar a refletir e escrever sobre as *Escrituras Fronteiriças de Nossa América* ao encarar a chamada desse dossiê implicou, por um lado, um posicionamento estético e epistemológico, e por outro, um pensamento situado.

Sem dúvidas, o eixo central dessa proposta é a fronteira, ou melhor, as fronteiras: tópico incansavelmente transitado por nossos escritores e investigadores de todo o continente. Pensar a partir desse espaço tão complexo implica, assim, inscrever esse projeto no âmbito político e assumir que falaremos de exclusões, discriminações e exílios, os quais supõem alguma forma de violência: “la guerra está en el fundamento de la frontera, del término *front*, ‘frente’” (ZUBIETA, 2014, p. 7).

Considerada tradicionalmente como uma divisão entre um dentro e um fora, que separava o próprio do alheio, o conhecido do ameaçador, e muitas vezes situada entre a cidade e o deserto (ou selva, ou periferia), a fronteira sofreu mutações, foi se fazendo porosa, movediça, controvertida. Enriqueceu-se com discussões sobre gênero, raça, cultura. Dialogou com as vozes hegemônicas e com os silêncios dos marginalizados; problematizou todas as dicotomias clássicas, começando pela que desataria mais polêmica: civilização *versus* barbárie. Destacou conflitos identitários, problematizando o próprio conceito de *identidade*, e trouxe à tona a complexa alteridade: o Outro é um Sujeito de Cultura? E, somente em uma frase, surgem condensadas algumas das principais noções em permanente revisão: Outro? Sujeito? Cultura? Nesse sentido, então, a fronteira também conviveu, entre outros, com os conceitos de *hibridação* e *cânone*.

Néstor García Canclini entenderia por hibridação os “procesos socioculturales en los que estructuras o prácticas discretas, que existían en forma separada, se combinan para generar nuevas estructuras, objetos y prácticas...” (2001, p. 14), concepção que seria tão discutida, repensada e comentada por diversos autores que propuseram outras alternativas conceituais, entre as quais seria possível citar Antonio Cornejo Polar e sua “literatura heterogênea”, Édouard Glissant e sua noção de “relação”; Martin Lienhard falando de “literatura alternativa”; Martín Barbero e suas “mediações”; Mary Louise Pratt e suas “zonas de contato”; Homi Bhabha e sua compreensão da hibridez como uma problemática interna ao discurso colonial; a *créolité* proposta pela reflexão caribenha (Jean Bernabé, Patrick Chamoiseau e Rafael Confiant); etc.

A fronteira dividiu geografias, repartindo não só espaços, como também corpos e espíritos; estabeleceu hierarquias e enfatizou distâncias que a iluminaram e referendaram, consolidando centros de poder e periferias de exclusão. Também conviveu aqui com o conceito de *cânone*, com suas listas de obras “consideradas valiosas y dignas por ello de ser estudiadas y comentadas” (SULLÀ, 1998, p. 11). Mas esta relação cânone-fronteira transcende a discussão sobre as definições e sobre quais autores ou obras entram no primeiro e quais não, porque não conseguem ultrapassar a segunda, traçada, muitas vezes, a partir de centros de poder que, com o tempo, seriam discutidos e problematizados, como é o caso célebre de Harold Bloom. Tal relação instala o questionamento sobre quais são os fatores que intervêm em suas naturezas e constituições e quais forças disputam o poder de determinar o cânone ou de traçar a fronteira.

Nesse ponto, o panorama se faz mais complexo ao emergirem “minorias” que recusam a imposição identitária do poder hegemônico. Qual seria a alternativa, então? Tentar apagar as fronteiras? Substituir o cânone oficial por uma multiplicidade de cânones que atenda a essa heterogeneidade, ou mesmo eliminar qualquer tentativa de constituí-los? Colocar no centro da questão as noções de hibridez e de mestiçagem? Incorporar essas outras vozes e identidades silenciadas reinsertando e revalorizando grupos sociais marginalizados? E isso, mesmo que alguns pensadores tenham visto o risco de que, ao incluir outras formas de conceber a literatura, seja sacrificada a própria essência da diferença ao narrativizá-la e introduzi-la no universo simbólico da cultura hegemônica (MCGOWAN), realizando, sem querer (ou querendo), um movimento colonizador (MIGNOLO).

A fronteira, além disso, se estabeleceu a partir de outro lugar, no destino e na aporia, na utopia ou no pesadelo de tantos migrantes... Desdobrou-se em *frontier* e *border*, entendendo o

primeiro como fronteira em expansão entre um estado nacional e uma sociedade aborígene, e o segundo, como fronteira política entre estados (GRIMSON, 2000).

A fronteira se projeta também na zona de resgate das subjetividades subalternas: indígenas, imigrantes, sexualidades diversas, exilados, habitantes de favelas... entre tantos outros que, sendo tantos, torna-se absurdo o termo minorias, que os reuniu durante muito tempo. Uma tentativa de evitar que, como advertia Todorov, “la diferencia se degrad[e] en desigualdad; la igualdad, en identidad” (2008, p. 179).

Este cenário discursivo, discordante, ideologizado que é a fronteira, continua a sua busca por abandonar seu caráter negativo, divisor e opositor de mundos, seu afã de definição identitária homogênea, para alcançar a complementariedade e reciprocidade de singularidades (BALIBAR, 2003) através da negociação da alteridade. Trata-se de dar “un giro hacia el vecino o forastero asimétrico” (BHABHA, 2013, p. 32) a partir desse espaço paradoxal, este *inter-est* (ARENDETT, 2003).

Virtuosamente, a fronteira foi se convertendo em “matriz posible de la poesía” (LOJO, 1996, p. 125) e abriu caminho para uma infinidade de textos literários e reflexões ensaísticas, bem como os seus decorrentes estudos acadêmicos, que inspiraram David Viñas a propor o conceito de *Literatura de Fronteira* (1981).

É isso que demonstram os artigos que compõem este dossiê, os quais apresentam olhares originais sobre diferentes obras latino-americanas, partindo das mais diversas perspectivas: a discussão do cânone a partir da margem, a decolonialidade, a representação da mulher e do feminismo e as relações entre a literatura e o pensamento científico na e pela literatura.

Temos que destacar que pesquisadores de várias instituições e de diferentes países contribuíram com seus textos para que pudéssemos trazer a público o presente volume. A diversidade desses pesquisadores permitiu que este dossiê refletisse a complexidade ao redor da(s) fronteira(s) na literatura.

O primeiro artigo do dossiê, “Roberto Piva – maldito marginal: poeta menor”, de Annita Costa Malufe e de Mateus Soares Rodrigues da Silva, permite a aproximação com a obra do poeta brasileiro Roberto Piva lendo sua produção poética como uma literatura menor/marginal. Partindo da definição de literaturas menores para, então, contextualizar a produção poética de Piva, os autores demonstram como sua obra atravessa as fronteiras comumente definidas pela crítica para a poesia marginal da década de 1970.

Os próximos sete textos partem de obras de autoria feminina. Abordando questões que vão do social ao simbólico, do decolonial ao empoderamento, estes artigos demonstram a complexidade das fronteiras e a diversidade estética da literatura produzida por mulheres, do século XIX até hoje. No primeiro desses artigos, “A literatura, o real e o rural no conto *A guerra de Maria Raimunda*, de Maria Valéria Rezende”, André Rezende Benatti parte de uma perspectiva social para ler o conto de Maria Valéria Rezende, considerando a representação das violentas disputas pela terra através de um olhar centrado no que denomina “ruralidade”. Para o autor, a narrativa realista que reconhece no conto de Rezende é a que tradicionalmente representa as tensões entre os que habitam o campo e os grandes proprietários de terras, uma vez que é capaz de recuperar as violências simbólicas ou concretas associadas às disputas em questão. Nesse sentido, para o autor, o conto *A guerra de Maria Raimunda* reconstitui, entre personagens do campo e uma situação de injustiça e abusos, uma realidade refratada e, portanto, simbólica e carregada de um sentido de resistência.

No ensaio “O decurso dos afetos: crônicas de resistência com Clarice Lispector”, Pablo Vinícius Dias Siqueira propõe uma abordagem filosófica para algumas das crônicas de Lispector. Ao evidenciar como a escritora subverte o gênero e a maneira como trata as questões de seu tempo, o autor pretende “pensar-junto” com a escritora brasileira e, como resultado, estabelece um diálogo com as crônicas selecionadas e conclui que se caracterizam como textos de resistência

Uma abordagem mais simbólica é apresentada no texto “Uma princesa vampira: o vampirismo como metáfora da libertação feminina no conto *A neurose da cor*, de Júlia Lopes de Almeida”, escrito por Bruna dos Santos Caetano e por Katia Aparecida da Silva Oliveira. Resgatando a importante escritora brasileira, o artigo desenvolve uma leitura do conto *A neurose da cor*, baseada na interpretação de elementos simbólicos e metafóricos associados a sua personagem principal, a princesa Issira. O simbolismo da cor vermelha, marcada por todo o conto, aliado a referências bíblicas e profanas, permite a constituição de uma personagem forte que, em última instância, pode requerer uma liberdade talvez não compatível com os valores patriarcais.

Ainda tratando de liberdade e de empoderamento feminino, o artigo “De menina a puta: o corpo de Lucy como objeto de poder em *Tudo é Rio*”, de Bianca Silva, Kátia Hallak Lombardi e Luiz Manoel da Silva Oliveira, busca realizar uma leitura do personagem romance *Tudo é*

V. 14 – 2023.1 – OLIVEIRA, Katia Aparecida da S.; BUITURÓN, Marcela C.

Rio, da escritora brasileira Carla Madeira. Os autores defendem que ao longo de seu desenvolvimento, Lucy reconhece como o seu corpo desejável pode se transformar em um mecanismo para alcançar seus objetivos e desejos. Unindo as suas necessidades a uma natural disposição para a profissão, a personagem se converte em uma famosa prostituta. Livre para escolher os seus amantes e para definir quando vai trabalhar, nota-se como Lucy compreende o seu poder e afirma a sua liberdade.

Já, partindo de uma perspectiva decolonial, o texto “En busca de las raíces ignoradas”, de María Eugenia Cairo, pretende interpretar o desenvolvimento do personagem principal do romance *Las aventuras de la China Iron*, da escritora argentina Gabriela Cabezón Cámara. A autora considera que a viagem que empreende a personagem China ao longo da obra revela um processo de ressignificação de sua identidade, que vai de uma garota marginalizada, sem nome, a uma mulher que assimila, sem esquecer a sua própria cultura, a cultura inglesa/escocesa, que rompe o binarismo de gênero e que se reconecta à sua terra reelaborando seus sentidos. O artigo permite que se leia que a personagem do romance habita um entre-lugar, caracterizado pela heterogeneidade, pela ruptura dos valores do colonizador e das categorias binárias.

O texto de Leonardo Emanuel Graná “Exacción para la nación. Tierra y mujer en Complot (2004), de Perla Suez”, trata do terceiro romance da *Trilogía de Entre Ríos* da escritora argentina. A leitura de Graná se estabelece ao redor das discussões que compreendem a formação da Argentina por um sistema colonialista de exploração e violação da terra e, em especial, da mulher. A Argentina do início do século XX, representada no romance, as relações que estabelece com a Inglaterra, a construção dos personagens em situação de poder, destacando os imigrantes, confluem para o estabelecimento de um Estado que tem em suas origens a violação das mulheres, como territórios a colonizar.

Discutindo a representação das mulheres, em “Narrativas de si: as histórias cholitas transfronteiriças como forma de resistência”, Carlos Eduardo de Araújo Placido nos leva a refletir sobre como os testemunhos das cholitas no documentário *The Fighting Cholitas* (2007), dirigido por Mariam Jobrani, representam não só as suas experiências, como também uma identidade constituída a partir de fronteiras geográficas, sociais, raciais e de gênero. Placido destaca a natureza fronteiriça da cholitas, marcada, por um lado, pela fronteira geográfica onde habitam, entre Bolívia, Brasil e Paraguai; e por outro, por sua existência entre o indígena e o colonizador, marcada pela mestiçagem. Este estudo permite aproximar o cinema e a literatura,

V. 14 – 2023.1 – OLIVEIRA, Katia Aparecida da S.; BUITURÓN, Marcela C.

no que se refere às narrativas do eu – autobiográficas e autoficcionais – observando as cholitas por seus próprios discursos. Contando com o apoio dos Estudos Culturais e com as contribuições das Poéticas de si, o artigo demonstra como as narrativas das cholitas lutadoras muitas vezes se opõem a um discurso opressor racial, patriarcal e social.

Afastando-se das discussões sobre a representação feminina, o artigo “Los problemas psicosociales asociados a individuos con desfiguración facial visible en La noche de los feos, de Mario Benedetti”, escrito por Adriana Primo-McKinley, incorpora saberes interdisciplinares para abordar o conto do escritor uruguaio. Propondo uma perspectiva psicosocial para a leitura dos personagens do conto, que apresentam deformidades faciais muito evidentes, o artigo promove uma leitura que busca compreendê-los a partir de suas interações sociais, de seus traumas e de sua autoimagem. Nota-se como a ficção se impregna dos saberes com os quais pode dialogar, desfazendo fronteiras e estabelecendo um olhar único sobre o que representa.

O último texto do dossiê, “O túnel, de Ernesto Sábato: uma representação da paranoia científica”, de Margarete Varela Centeno Hülsendeger, parte da formação científica do escritor argentino, anterior a seu trabalho como escritor, para realizar uma interpretação do seu romance. Nesse trabalho, a oposição entre literatura (enaltecida) e ciência (rechaçada) é evidenciada pelo estudo dos personagens do romance, os quais encarnariam, para a autora, as concepções de Sábato sobre o tema. Construída a partir de uma intensa racionalidade, a obra representaria, para Hülsendeger, a paranoia do homem moderno frente à razão e à lógica, algo que poderia refletir a própria crise do autor que abandona a ciência e opta pela literatura.

Esperamos que estas leituras continuem alimentando o diálogo entre os escritores e investigadores fronteiriços de Nossa América.

Referências bibliográficas

ARENDDT, Hannah. *La condición humana*. Buenos Aires: Paidós, 2003.

BALIBAR, Étienne. *Nosotros, ¿ciudadanos de Europa?* Las fronteras, el Estado, el pueblo. Madrid: Tecnos, 2003.

BHABHA, Homi K. *Nuevas minorías, nuevos derechos*. Notas sobre cosmopolitismos vernáculos. Buenos Aires: Siglo XXI, 2013.

GARCÍA CANCLINI, Nestor. *Culturas híbridas*. Estrategias para pensar y salir de la modernidad. Barcelona: Paidós, 2001.

V. 14 – 2023.1 – OLIVEIRA, Katia Aparecida da S.; BUITURÓN, Marcela C.

GRIMSON, Alejandro. (org.). *Fronteras, naciones e identidades*. La periferia como centro. Buenos Aires: Ediciones Ciccus-La Crujía, 2000.

LOJO, María Rosa. La frontera en la narrativa argentina. *Hispanamérica*, 1996, nº 75, p. 125-136.

MCGOWAN, Todd. *The Feminine “No”! Psychoanalysis and the New Canon*. Albany: SUNY, 2000.

MIGNOLO, Walter. Los cánones y (más allá de) las fronteras culturales (o ¿de quién es el canon del que hablamos?). In: SULLÀ, Enric (org.). *El canon literario*. Madrid: Arcos, 1998, p. 237-270.

SULLÀ, Enric. *El canon literario*. Madrid: Arcos, 1998.

TODOROV, Todorov. *La conquista de América*. El problema del otro. Buenos Aires: Siglo XXI, 2008.

VIÑAS, David. *Indios, ejército y frontera*. México: Siglo XXI, 1982.

ZUBIETA, Ana María Prólogo. Poéticas del margen en la literatura argentina. El régimen de lo visible y lo invisible. *Gramma*, 2014, Año XXV, Número 52, p. 7-12.